

A RELEVÂNCIA DOS GÊNEROS DISCURSIVOS PARA A GRAMATICALIZAÇÃO DO VERBO *BUSCAR*

Paulo Henrique de Oliveira BARROSO¹

RESUMO

O verbo *buscar* no Português brasileiro escrito contemporâneo tem empreendido uma rota típica de gramaticalização que pode ser recuperada por meio dos princípios desse processo (HOPPER, 1991). Sob uma abordagem sincrônica, busco demonstrar, a partir da análise dos padrões funcionais desse verbo, a interface “Teoria da Gramaticalização/Teoria dos Gêneros do Discurso”, cujos pressupostos funcionalistas apontam para um entrecruzamento de forças que motivam a variação a que ele tem sido submetido. A constituição do corpus de pesquisa reúne amostras distintas e contemporâneas do início do século 21, contemplando três gêneros do discurso: *contos literários*, *matérias jornalísticas* e *artigos científicos*. A hipótese aventada é a de que há variação semântica, num contínuo unidirecional, entre o tipo de ação (atividade física/mental) diretamente relacionada à estrutura composicional dos gêneros (predominantemente narrativo-concreto/dissertativo-abstrato). Associadas a essa hipótese, são atribuídas ao usuário culto da língua diferentes estratégias sintáticas e pragmáticas com relação aos usos do verbo *buscar*. À metodologia da pesquisa subjazem as tarefas de identificação dos padrões funcionais do objeto de estudo e análise dos dados à luz dos seguintes critérios formais: *composição formal*, a partir do que analiso o tipo de estruturação em que se integra o verbo ; o estatuto funcional dos *complementos* com base nas categorias cognitivas propostas por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991); ocorrência e estatuto formal de *elementos intervenientes*; além dos critérios de caráter mórfico na constituição da forma verbal: *tempo* e *pessoa gramatical*.

PALAVRAS-CHAVE: *verbos; gramaticalização; gêneros do discurso; auxiliaridade verbal; modalização.*

Introdução

Este artigo apresenta algumas questões relacionadas à gramaticalização do verbo *buscar* no português brasileiro escrito contemporâneo, sustentadas por pressupostos teóricos funcionalistas que evidenciam o constante movimento da língua, resultado das intenções e necessidades cognitivas e sócio-comunicativas de seus usuários.

¹ USP – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Av. Prof. Luciano Gualberto, 403, CEP: 05508-900 – São Paulo, SP – Brasil.
E-mail: paulobarroso@usp.br

Sob uma perspectiva sincrônica, verifiquei um estreito diálogo entre o processo de gramaticalização e os gêneros do discurso, o que me fez propor um estudo em interface capaz de evidenciar se itens lingüísticos, ao serem atraídos para funções cada vez mais gramaticais da língua, alocam-se preferencialmente em determinados tipos de textos, representativos de determinados gêneros do discurso.

O objetivo a ser atingido – demonstrar a pertinência dessa interface entre visões teóricas distintas que juntas contribuem para a manifestação do mesmo fenômeno de língua – passou pela averiguação e testagem de parâmetros, princípios e estágios de gramaticalização aplicados às ocorrências do verbo sob análise em três diferentes gêneros do discurso: *contos literários*, *matérias jornalísticas* e *artigos científicos*.

A hipótese básica aventada é a de que itens gramaticalizados instalam-se em nichos sociais bastante restritos, havendo, assim, uma correlação entre o processo de gramaticalização do verbo *buscar* e os gêneros discursivos. A reboque dessa hipótese está a idéia de que seja possível o estabelecimento de um *continuum* de abstratização a partir da organização e controle das ocorrências em *contos literários*, *matérias jornalísticas*, e *artigos científicos*, já que os primeiros apresentam maior grau de concretude semântica do que os últimos. E também associada à hipótese está a idéia de que o usuário culto da língua adota diferentes estratégias gramaticais e discursivas que remetem aos padrões funcionais de uso desse verbo descritos neste estudo.

As amostras constitutivas do *corpus* foram submetidas às análises qualitativa e quantitativa para a indicação das considerações finais, que ratificam a hipótese aventada.

Gramaticalização enquanto processo

Neste estudo, a gramaticalização é entendida essencialmente como um processo² de criação e transformação linguísticas motivado pela manifestação discursiva e estreitamente ligada às formas de representação mental, de desejo e intenção, que vão sendo regularizadas para uma representação cada vez mais abstrata, partindo de significados concretos. Trata-se da passagem da referência lexical, externa, transparente e motivada, para a referência gramatical, interna, progressivamente mais opaca e convencionalizada.

Estágios, parâmetros e princípios

O processo de gramaticalização é metafórico por natureza, utilizando-se de metáforas categoriais e de reinterpretação induzida por situações contextuais. Sendo assim, Heine, Claudi & Hünnemeyer (1991), ao admitirem que o homem utiliza, primeiramente, os conceitos relacionados às partes do corpo, propõem o seguinte *continuum* de desenvolvimento metafórico: PESSOA > OBJETO > PROCESSO > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE, desenhando uma espécie de cadeia de extensão metafórica direcionada do ‘mundo real, físico’ para o ‘mundo do discurso’.

A esse pressuposto associam-se duas outras propostas: a de Givón (1979), que apresenta o *continuum*: Discurso > Sintaxe > Morfologia > Morfofonêmica > Zero, em forma de fluxo diacrônico que permite a observação do movimento que vai desde a manifestação primária do discurso, passando por aspectos mais estruturais do funcionamento da língua, até a possibilidade de extinção de elementos, envolvendo variadas esferas linguísticas; e a de Hopper & Traugott (1993), mais especificamente utilizada para verificar a gramaticalização de formas verbais: *verbo pleno* > *verbo auxiliar* > *clítico* > *afixo* > *zero*, em que se evidencia unidirecionalidade de

² Diante das divergências no campo teórico, opto por “*processo de gramaticalização*” em detrimento dos

abstratização categorial. Os três *continua* a serem utilizados indicam orientação unidirecional do processo de gramaticalização, contribuindo para verificar a trajetória seguida pelo item sob análise, e para evidenciar as etapas perceptíveis no seu deslizamento funcional.

Contribuindo para o mesmo quadro teórico e preocupados ainda com o aspecto metodológico, pois oferecem instrumental de medição, Hopper (1991) descreve cinco princípios que regem o processo de gramaticalização e Lehmann (1995 [1982]) descreve seis parâmetros de gramaticalização.

Cinco Princípios de Hopper (1991):

- **estratificação** (ex.: como verbo pleno: *buscar* = *procurar, pesquisar, investigar*; e como auxiliar: *buscar* = *procurar, pretender, tentar*);
- **divergência** (ex.: “*buscar*”, indicando ação física = pegar, apanhar / “*buscar*”, indicando ação mental = pretender, ter a intenção de);
- **especialização** (ex.: maior incidência de “*buscar*” em detrimento das formas *procurar, pretender* e *tentar*, em contexto específico);
- **persistência** (ex.: o aspecto volitivo de “*buscar*” perpassa todos os estágios e padrões funcionais de uso do verbo);
- **recategorização** (ex.: “*buscar*” verbo pleno > verbo auxiliar).

Seis Parâmetros de Lehmann (1995 [1982]):

- **perda da integridade** fonológica e semântica (não ocorre com o verbo *buscar*);
- **redução do escopo** (ex.: *busco o delineamento pormenorizado das questões relativas ao estudo dos...* / *busco delinear as questões...*);
- **paradigmaticidade** (ex.: “*buscar*”, como verbo pleno, aceita substituição por diversos outros verbos: *pegar, comprar, trazer, achar, procurar, pesquisar, descobrir*,

investigar, indagar etc.; já na categoria de verbo auxiliar, aceita substituição por um número reduzido de verbos: *procurar, pretender, tentar*);

- **maior conexão** (ex.: *busco, incessantemente, paz de espírito / busco analisar*);
- **redução da variabilidade paradigmática** (ex.: maior incidência de “*buscar*” em detrimento das formas *procurar, pretender* e *tentar*, em contexto específico);
- **redução da variabilidade sintagmática**, quanto mais fixo em determinada posição, mais gramaticalizado o item (ex.: *busco analisar / busco definir* etc.).

A gramaticalização de verbos

Conforme citado anteriormente, assumo a proposta de Hopper & Traugott (1993), que prevê o deslizamento funcional de verbos com base no seguinte *continuum*: *verbo pleno > verbo auxiliar > clítico > afixo > zero*. A veracidade desse postulado deve contribuir para a verificação da recategorização do verbo *buscar*, ou seja, o reconhecimento de seu deslizamento da categoria *pleno* para *auxiliar*.

Para delinear as categorias de verbo *pleno* e *auxiliar*, tomo emprestadas as características apresentadas por Travaglia (2003:309), quando diz que o *verbo pleno* funciona como núcleo do predicado, tem conteúdo nocional, valor lexical³ e expressa ações (pedalar, chorar, comer...), fatos (amar, morrer...), fenômenos da natureza (chover, trovejar...) etc. E o *verbo auxiliar* acompanha o verbo pleno numa construção perifrástica e a ele pode atribuir as mais diversas funções gramaticais, tais como marcar categorias gramaticais de aspecto, modo, número, pessoa, tempo e voz; e expressar noções semânticas muito gerais e mais abstratas que não constituem situações

³ Entende-se um item como tendo **valor lexical** quando seu significado for caracterizado por um conteúdo semântico ligado à indicação de algo do mundo biopsicofísicosocial e entende-se um item como tendo **valor gramatical** quando o mesmo tiver um significado caracterizado por um conteúdo de natureza funcional, gramatical, relacional, dentro dos limites da organização e funcionamento da língua. É somente nesse sentido que se deve entender aqui o uso do termo **gramatical** como pertencente à gramática da língua, enquanto outros não, como se o léxico não fosse parte da gramática. (Cf. TRAVAGLIA, 2002:04).

(repetição, cessamento, tentativa, consecução, resultado, intenção etc.) – os verbos que marcam categorias ou indicam essas noções semânticas são geralmente denominados *auxiliares semânticos* ou *semi-auxiliares*;

Outra proposta de classificação refere-se aos **sete estágios para a gramaticalização de verbos**, identificados por Heine (1993:58-66):

Estágio 1 – é o estágio das fontes concretas, em que os verbos têm seu significado lexical pleno, subcategorizando SN, e seus objetos referem-se tipicamente a um objeto concreto. (ex.: buscar a roupa na lavanderia);

Estágio 2 – neste estágio o verbo começa a se tornar auxiliar, mas ainda não o é; ele pode ter tanto complementos nominais quanto estar associado a complementos representados por verbos não-finitos (formas nominais). A identidade entre os sujeitos dos dois verbos associados não é um requisito obrigatório. (ex.: Pedro buscou atendimento no posto médico / João busca conhecimento sobre o mecanismo... [que pode ser interpretado como “busca conhecer o mecanismo...”]);

Estágio 3 – neste estágio o verbo em gramaticalização não pode mais ter como complemento uma oração desenvolvida com conectivo e forma verbal finita; junto ao verbo principal constituem uma unidade semântica; ambos referem-se ao mesmo tempo, e a identidade de sujeitos é obrigatória. Para Heine esses verbos não são auxiliares prototípicos, mas incluem-se no que muitos autores chamam de *semi-auxiliares* ou *auxiliares semânticos*. (ex.: Este trabalho busca investigar [busca delimitar, buscar definir] aspectos lingüísticos... / Busco entendimento, busco compreensão, busco afunilamento das questões... [que pode ser interpretado como “busco entender, compreender, afunilar as questões...”]);

Estágio 4 – neste estágio os verbos em gramaticalização tendem a perder a possibilidade: de formar imperativos; de ser nominalizados ou se apassivar; de não ser

associados a nomes que funcionam como núcleos de seus complementos; de associar-se a apenas uma forma nominal (não-finita) na formação de perífrases. (não há exemplos com o verbo *buscar*);

Estágio 5 – neste estágio o verbo em gramaticalização tende a ser visto como pertencendo a outra classe que não a de verbo; passa a ser uma forma híbrida, com algumas características remanescentes de verbo e com características de marcador gramatical; sofre cliticização e/ou erosão, perdendo o *status* de palavra e substância fonológica e/ou a morfológica. (não há exemplos com o verbo *buscar*);

Estágio 6 – neste estágio o verbo em gramaticalização torna-se um elemento gramatical firmemente estabelecido morfológica e sintaticamente; passa a ser visto como clítico ou afixo, mas ainda mantém resíduos que permitem identificar a estrutura de origem; e o “complemento” desse verbo passa a ser interpretado como verbo principal. (não há exemplos com o verbo *buscar*);

Estágio 7 – este é o estágio final da gramaticalização do verbo, que perde qualquer característica verbal e se torna um marcador gramatical puro com a forma de um afixo flexional sem acento próprio distintivo (não há exemplos com o verbo *buscar*).

Os estágios não são estanques, pois em função do caráter gradual e ininterrupto da gramaticalização, os verbos podem apresentar, num dado momento de análise, características de mais de um estágio. Além disso, um verbo não tem necessariamente que passar por todos os estágios, podendo seu processo de gramaticalização nunca chegar ao último estágio proposto por cada um dos autores que trabalham nessa perspectiva de etapas.

Gêneros do discurso

Os gêneros discursivos são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Nenhum fenômeno novo (fonético, lexical, gramatical) pode

integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos. (BAKHTIN, 2003: 268)

Partindo dessa premissa bakhtiniana, e com a intenção de favorecer a interface entre gramaticalização e gêneros discursivos, faço uso aqui da terminologia específica da Teoria do Discurso, no entanto, sem apresentar definições nem tampouco exaurir as possibilidades de aprofundamento da discussão, até mesmo por falta de espaço diante da proposta de um artigo.

Em *Estética da Criação Verbal* (2003), Bakhtin define os gêneros como *enunciados relativamente estáveis* que estão vinculados a situações típicas da comunicação social. A relação intrínseca dos *gêneros* com os *enunciados* se dá porque o discurso, em qualquer gênero, só pode existir na forma de enunciados concretos, reais e singulares, pertencentes aos sujeitos discursivos. Quanto à distinção entre *enunciado* e *texto*, o autor define a fronteira pelo recorte de análise: enquanto o estudo do enunciado mostra-se na sua integridade concreta e viva, ou seja, considerando os seus aspectos sociais constitutivos, o estudo do texto abstrai esses aspectos e elabora-se em forma de organização composicional, numa visão lingüístico-textual. Assim, o texto é ponto de partida de qualquer análise das ciências humanas, pois não há como ter acesso ao homem social e a sua vida senão através de seus textos, que materializam seu discurso por meio de enunciados.

A depender do direcionamento da análise, tem-se:

discurso > enunciado > texto

(da abstração conceitual, ideológica ao material lingüístico concreto)

ou

texto > enunciado > discurso

(da abstração estrutural, gramatical à realidade sócio-constitutiva do indivíduo)

Bakhtin separa os gêneros em dois, denominados *primários* e *secundários*. Os primários (simples e predominantemente orais) se constituem na comunicação discursiva imediata, no âmbito da ideologia do cotidiano, as ideologias não-formalizadas e não-sistematizadas; e os gêneros secundários (complexos e predominantemente escritos) instauram-se nas condições da comunicação cultural mais desenvolvida, na comunicação artística, publicística, científica, religiosa, política etc., no âmbito das ideologias formalizadas e especializadas. Há no processo de formação dos gêneros secundários uma inevitável incorporação de diversos gêneros primários que, ao se integrarem, perdem o vínculo imediato com a realidade concreta de seus significados cotidianos e passam a representá-los⁴.

Os critérios funcionais adotados

Como metodologia da pesquisa, busquei administrar a convivência das duas visões teórico-metodológicas em interface para realizar a tarefa de identificação e configuração dos padrões funcionais, perseguindo os *continua* de abstratização e valendo-me dos métodos de contagem da frequência *type* (cada tipo de uso particular) e *token* (recorrência de uma forma no texto)⁵.

Durante o encaminhamento da pesquisa, procedi à análise da gramaticalização do verbo *buscar*, utilizando os seguintes critérios:

- **Contexto das ocorrências**

⁴ Exemplo dessa passagem de gênero primário a secundário com o verbo *buscar*: situado no gênero primário, como interjeição utilizada pelos caçadores ao soltarem os cães no bosque para caçar (“Busca!”); e situado no gênero secundário, como ferramenta de pesquisa na internet, em sites de “busca”.

⁵ Cf. Bybee, 2003 (*apud* Lima-Hernandes 2005): a alta frequência de *tokens* pode desencadear mudanças importantes porque afeta a natureza da representação cognitiva.

gêneros do discurso & tipos textuais: contos literários (tipo textual predominantemente narrativo) / matérias jornalísticas (tipo textual híbrido) / artigos acadêmicos (tipo textual predominantemente dissertativo).

- **Noção semântica**

tipo de ação: física (concreta) / mental (abstrata).

complementos: pessoa e objeto (complementos nominais) / processo (verbo no infinitivo).

- **Noção sintática**

composição formal: **buscar** + verbo / substantivo / zero / pronome / sintagma nominal (SN).

tempo gramatical: presente do indicativo / pretérito perfeito do indicativo / pretérito imperfeito do indicativo / pretérito imperfeito do subjuntivo / futuro do presente do indicativo / futuro do subjuntivo. (além das formas verbais infinitivo, gerúndio e particípio)

pessoa gramatical: 3^a do singular / 1^a do plural / 3^a do plural / sujeito indeterminado. (além das formas verbais infinitivo, gerúndio e particípio)

existência de material interveniente entre o verbo e o seu complemento: presença / ausência.

- **Noção textual-discursiva**

posição da ocorrência do verbo no texto: introdução / desenvolvimento / conclusão

estatuto funcional: verbo pleno / auxiliar modalizador.

A distinção entre gêneros primários (simples e predominantemente orais) e secundários (complexos e predominantemente escritos), dada por Bakhtin é o ponto de partida para o afinamento que pretendo estabelecer, tendo em vista a constituição do *corpus* exclusivamente escrito, portanto, representativo do gênero secundário, especificamente os três gêneros *conto literário*, *matéria jornalística* e *artigo científico*, que se referem, respectivamente, aos tipos de texto com predominância de narração, híbrido e com predominância de dissertação.

Proponho, pelas evidentes características dos textos selecionados, um *continuum* de abstratização para os três gêneros envolvidos, agregando-o aos *continua* de gramaticalização e, assim, ratificando a interface estabelecida:

conto literário > *matéria jornalística* > *artigo científico*
(*predominantemente narração*) > (*híbrido*) > (*predominantemente dissertação*)
+ *concreto* > + *abstrato*

O tratamento dos dados

Para analisar o fenômeno lingüístico ocorrido com o verbo *buscar*, adotei, além do tratamento qualitativo, um tratamento quantitativo dos dados, que me permitiu correlacionar os gêneros do discurso com: *tipo de ação*, *tipo de complemento*, *composição formal*, *tempo gramatical*, *pessoa gramatical*, *existência de material interveniente*, *posição da ocorrência do verbo no texto* e *estatuto funcional*, favorecendo a identificação das motivações subjacentes ao fenômeno da variação e mudança lingüísticas.

Vários foram os critérios produtivos na análise desenvolvida sobre o verbo *buscar*. Partindo de um pressuposto relacional entre noção semântica concreta / tipo de texto narrativo; e noção semântica abstrata / tipo de texto dissertativo, busquei

identificar o contexto textual em que ocorrem predominantemente as noções de concreto/abstrato.

O *corpus* é formado por textos escritos que caracterizam três amostras distintas e contemporâneas do início do século 21: 10 textos representativos do gênero *contos literários*; 10 textos representativos do gênero *matéria jornalística*; e 10 textos representativos do gênero *artigo científico*.

Os 30 textos foram escolhidos de forma parcialmente aleatória, seguindo apenas as delimitações de terem autores de escolaridade superior e terem sido escritos e/ou publicados entre o período de 2000 a 2007.

Os 10 contos literários foram publicados eletronicamente em sites especializados em literatura brasileira, a saber: CÂMARA BRASILEIRA DE JOVENS ESCRITORES (www.camarabrasileira.com) e BESTIÁRIO – REVISTA DE CONTOS (www.bestiario.com.br); as 10 matérias jornalísticas foram retiradas do jornal *Folha de São Paulo*, Caderno Brasil (exclusivamente matérias sobre política nacional), publicadas no mês de setembro de 2006, simultaneamente em formato impresso e eletrônico (www1.folha.uol.com.br/fsp); e os 10 artigos acadêmicos, englobando diversas áreas do conhecimento, foram publicados por revistas científicas eletrônicas com selo de recomendação da CAPES, a saber: REVISTA BIOÉTICA, publicada pelo Conselho Federal de Medicina (www.portalmedico.org.br/revista/bio); REVISTA SITIENIBUS, da Universidade Estadual de Feira de Santana (www.uefs.br/sitientibus); COM-CIÊNCIA, revista eletrônica de jornalismo científico (<http://www.comciencia.br>); REVISTA HISPECI & LEMA, publicação das Faculdades Integradas Fafibe (www.fafibe.br/revista); CADERNO CRH, revista quadrimestral de Ciências Sociais editada pelo Centro de Recursos Humanos da Universidade Federal da Bahia (www.cadernocrh.ufba.br); REVISTA LETRAS, da Universidade Federal do

Paraná (www.ser.ufpr.br/); e REVISTA DELTA, Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, publicada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (www.scielo.br/delta).

Resultam do levantamento de dados nas amostras 90 ocorrências, distribuídas do seguinte modo: 19 nos contos literários, 16 nas matérias jornalísticas e 55 nos artigos científicos. A partir desses dados, procedi à análise funcional e depreendi os seguintes padrões funcionais do verbo *buscar* no português culto:

● **BUSCAR 1**

{Verbo Pleno + Complemento Nominal⁶ (concreto)}

(1) *A família busca água do olho d'água para o consumo doméstico desde quando foi encontrado um gato morto na cisterna.* (NUNES, 2007);

● **BUSCAR 2**

{Verbo Pleno + Complemento Nominal (abstrato)}

(2) *Ministro e PF não buscaram ajuda do BC, diz PSDB.* (DA SUCURSAL DE BRASÍLIA, 2006);

● **BUSCAR 3**

{Verbo Pleno + Complemento Nominal (abstrato) = Verbo Auxiliar + Verbo Nominalizado}

(3) *Os estudos buscam o enquadramento dos conceitos de estratégia de forma genérica para todos os tipos de organizações existentes, mas, freqüentemente, esses*

⁶ Neste trabalho, Complemento Nominal não tem o mesmo sentido a ele atribuído pela gramática tradicional normativista, refiro-me, aqui, ao escopo abarcado pelo verbo principal, assim como no padrão

trabalhos negligenciam micros e pequenas empresas. Substituição possível: “buscam enquadrar os”. (CORDEIRO; COSTA e FORMOSO, 2006);

● **BUSCAR 4**

{Verbo Auxiliar + Verbo Pleno}

(4) *Movido, então, pela solidariedade crítica, busca promover, de modo responsável, a beneficência, a justiça e a igualdade, tendo como conseqüência a construção da cidadania.* (PENTEADO, 2005).

Considerações finais

O verbo *buscar*, quando deixa de funcionar como núcleo da predicação e perde a noção semântica concreta de expressar ações físicas, passa a ser considerado gramaticalizado e começa a aparecer acompanhando um verbo pleno em construção perifrástica, com sentido mais abstrato que não chega a constituir uma situação, mas contribui semanticamente para o entendimento da situação.

O padrão funcional predominante nos contos literários é **BUSCAR 1** {Verbo Pleno + Complemento Nominal (concreto)}, que passa a **BUSCAR 2** {Verbo Pleno + Complemento Nominal (abstrato)} nas matérias jornalísticas e chega ao padrão funcional **BUSCAR 4** {Verbo Auxiliar + Verbo Pleno} nos artigos científicos.

Em relação ao *continuum* de Heine, Claudi & Hünemeyer (1991): PESSOA > OBJETO > PROCESSO > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE, o verbo *buscar* aparece mais em “pessoa” nos contos literários, com noção semântica concreta, e mais em “processo” nas matérias jornalísticas e nos artigos científicos, com noção semântica abstrata.

“verbo + verbo” o segundo verbo é escopo do primeiro. Ou seja, Complemento Nominal, aqui, é o escopo do verbo.

Seguindo o *continuum* de Hopper & Traugott (1993): *verbo pleno* > *verbo auxiliar* > *clítico* > *afixo* > *zero*, o verbo *buscar* funciona predominantemente como verbo pleno nos contos literários e nas matérias jornalísticas, e como verbo auxiliar nos artigos científicos.

Pelo *continuum* de Givón (1979): Discurso > Sintaxe > Morfologia > Morfofonêmica > Zero, o verbo *buscar* não ultrapassa o estágio de “discurso” nos contos e nas matérias jornalísticas, mas atinge o estágio “sintaxe” nos artigos científicos.

E quanto à classificação de Heine (1993), em sete estágios para gramaticalização de verbos, o verbo *buscar* apresenta-se no **Estágio 1**, nos contos literários, no **Estágio 2**, nas matérias jornalísticas, porque começa a se tornar auxiliar, e atinge, em sua função mais gramaticalizada, o **Estágio 3**, nos artigos científicos, classificado como *auxiliar semântico*, preso a uma forma verbal não-finita e com noção semântica abstrata aplicada à situação indicada por outro verbo. Nesse estágio mais avançado de gramaticalização, os verbos detêm o traço de [+ identidade] de sujeito, constituindo assim uma unidade semântica.

Em síntese, nos contos literários, o verbo *buscar*, classifica-se como verbo principal de significado lexical pleno e noção semântica concreta; nas matérias jornalísticas o grau de abstratização de *buscar* aumenta, classificado ainda como verbo principal, mas acompanhado por complemento de noção semântica abstrata; chegando, nos artigos científicos, ao seu grau mais elevado de abstratização, classificado como verbo auxiliar semântico marcador de modalidade volitiva. Portanto, a relevância dos gêneros discursivos para a gramaticalização de *buscar* pôde ser evidenciada em função do grau de abstratização no uso do verbo em cada um dos gêneros distintos, aqui encarados como gatilho social de variação e mudança lingüísticas.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, M. (2003). *Estética da criação verbal*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes.
- BARROSO, P. H. O. (2007). O Verbo BUSCAR em processo de gramaticalização – sua recategorização. In: GEL (org.) *Estudos Lingüísticos – Lingüística: Interfaces*. Vol. XXXVI, nº 02. Araraquara-SP, maio-agosto de 2007. p. 248-257.
- BARROSO, P. H. O. (2007a) *O A gramaticalização dos verbos BUSCAR, PROCURAR, PRETENDER E TENTAR*. São Paulo. FFLCH-USP. Digitado, inédito.
- BYBEE, J. (2003). Mechanisms of Change in Grammaticalization: the role of frequency. In: JANDA, R.; JOSEPH, B. (eds.) *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, p. 602-623). www.unm.edu/~jbybee
- GIVÓN, T. (1979). *On understanding grammar*. New York: Academic Press.
- HEINE, B. (1993). *Auxiliares – Cognitive forces and grammaticalization*. New York / Oxford: Oxford University Press, p.149-188.
- HEINE, B., CLAUDI, U. e HÜNNEMEYER, F. (1991). *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago / London: The University of Chicago Press, p.01-26.
- HOPPER, P. J. (1991). “On some principles of grammaticalization”. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs e HEINE, Bernd (eds.). *Approaches to grammaticalization, vol. I – Focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p.17-36.
- HOPPER, P. J. e TRAUGOTT, E. C. (1993). *Grammaticalization*. Cambridge / New York: Cambridge University Press, p.18-31.
- LEHMANN, C. (1995 [1982]). *Thoughts on Grammaticalization*. München: Lincom Europa.

- LIMA-HERNANDES, M. C. (2005). *A Interface Sociolingüística / Gramaticalização: estratificação de usos de tipo, feito, igual e como sincronia e diacronia*. 2005. 188f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Campinas, SP: IEL / UNICAMP.
- TRAVAGLIA, L. C. (2002). *Gramaticalização de verbos – Relatório de pesquisa*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras / UFRJ, Relatório de Pós-Doutorado em Lingüística.
- TRAVAGLIA, L. C. (2003). “A gramaticalização de verbos”. In HENRIQUES, Cláudio Cezar (org.). *Linguagem, conhecimento e aplicação – Estudos de língua e lingüística*. Rio de Janeiro: Editora Europa, p.306-321.